

ANGLICISMOS NO PORTUGUÊS

ILDIKÓ SZIJJ

Eötvös Loránd Tudományegyetem, Bölcsészettudományi Kar, Portugál Tanszék
szijj@ludens.elte.hu

In this paper I tried to describe some phonological and morphological aspects of english loanwords in Portuguese. I observed 631 anglicisms of the *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora, 1998, 8th edition). The adaptation of the english words has produced some modifications in portuguese phonological and morphological systems.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho tentarei descrever algumas características dos empréstimos ingleses da língua portuguesa, utilizando como corpus o *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora, 8^a edição, 1998), na sua versão impressa e de CD-ROM (1996). Este último teve a vantagem de fornecer uma lista de palavras classificadas como palavras de origem inglesa.

O dicionário – e a lista – contém tanto palavras adaptadas (*bife, clube, (h)andebol, golo, lanche*), como palavras que conservam a forma inglesa (*baby-sitter, hardware, ketchup, music-ball, patchwork*), no segundo caso o dicionário dá a transcrição fonética. Não aparecem alguns anglicismos recentes, como *baby-grow, fax* (Costa et alii), *derby, call-girl, copyright, average, ferry-boat, score, trust, spot* (Vilela).

A lista do CD-ROM não inclui elementos que derivam doutros anglicismos, como *ensanduichar, futebolístico, lanchar*, etc., palavras que aparecem no dicionário. Contém todas as palavras em cujo percurso até ao português o inglês teve qualquer papel, quer como étimo imediato, quer como último étimo (termos de Patt, p. 36); assim, aparecem palavras que, procedentes do inglês, entraram no português através doutras línguas, como o próprio dicionário indica, p. ex. através do francês: *aloquete, cabina, cheque, contradança, raglã*, e que, portanto, podem ser consideradas também galicismos, e ao mesmo tempo encontramos palavras de outras origens, transmitidas pelo inglês como étimo imediato: palavras clássicas, como *abolicionismo, hormona, veredicto*, francesas como *bebé, bouline*, de outras lín-

guas como *dalai-lama* do mongol. Na lista aparecem palavras de etimologia incerta, como *acre*, *esquimó*, que, segundo o dicionário, podem ter vindo do francês ou do inglês.

É preciso dizer que algumas etimologias do dicionário apresentam certos problemas. Não se faz referência à origem inglesa de palavras como *biquíni*, *piquenique*, *telefone*, em cujo percurso o inglês foi o último étimo (segundo Patt, no caso do espanhol): no primeiro caso o dicionário indica que se trata de um topónimo, no segundo de um galicismo, no terceiro de uma composição de elementos de origem grega. Só encontramos um número reduzido de empréstimos semânticos, assim não aparece indicada a origem inglesa da acepção ‘aplicar capitais’ da palavra *investir* (exemplo de Vilela), mas sim a origem inglesa da acepção de género literário da palavra *ensaio* (o dicionário abre, aliás, uma segunda entrada para a nova acepção), e encontramos numerosos casos de empréstimos semânticos nos termos de informática, como *apagar*, *armazenar*, *código*, *comando*, etc. Indica-se a origem inglesa dalguns decalques como *bola-ao-cesto*, *cabograma*, *cachorro-quente*, *cavalo-vapor*, mas falta esta indicação em *ar condicionado*, *supermercado*, *escada rolante* (Vilela).

Apesar destes problemas, a lista é um corpus valioso e apropriado para o estudo da questão. Dado o carácter do corpus, não vou tratar nem os anglicismos sintácticos, nem os empréstimos semânticos. Também não observo as mudanças semânticas que se produziram na passagem de uma língua para a outra. Limitar-me-ei à fonética e à morfologia. Não considero a data de entrada da palavra no português, porque não poderia dispor do dado em todos os casos. Também não me ocuparei das condições externas da entrada dos empréstimos. No caso de ter encontrado numerosos exemplos para um determinado fenómeno, só dou um número limitado de palavras (máximo de 10).

2. FONÉTICA

(Para o inventário fonético e a transcrição das palavras inglesas originais utilizei o dicionário *Angol-magyar kéziszótár* de László Országh, Akadémiai Kiadó, Budapest, edição de 1995.)

2.1. Palavras não adaptadas

As palavras não adaptadas aparecem com a transcrição fonética, mas esta transcrição pode ser significativa na medida em que às vezes é um pouco simplificada e modificada. Podemos considerar que esta pronúncia deturpada, quer sistemática, quer involuntária, é uma primeira fase da adaptação fonética.

Na transcrição das palavras inglesas as vogais I e U aparecem sempre como *i* e *u*, o que significa que as duas vogais tipicamente inglesas, menos tensas do que as portuguesas, seriam difíceis de reproduzir e soariam esquisitas em português. Assim, encontramos esta simplificação em palavras como *badminton*, *behaviourismo* [bihei...], em vez de [bihei...], *cash-flow* [fləu], em vez de [fləʊ], etc.

Em várias palavras o [e] do inglês aparece como [ɛ], por causa de a vogal inglesa ser mais aberta do que o [e] do português. P. ex.: *best-seller*, *check-in/up*, *ketchup*, *self*, *stress*, *telex*, *westminsteriano*. Noutras palavras fica o [e]: *offset*, *sexy*, *sketch*.

Nas transcrições do dicionário aparecem vogais nasais, típicas do português, mas inexistentes no inglês: *gentleman* (e nasal), *joint-venture* (e nasal), *shunt* (a aberto nasal).

Na transcrição das palavras não adaptadas o acento também pode aparecer numa sílaba diferente da sílaba tónica inglesa original: *telex* > *telex*, nalgumas palavras compostas o acento inicial passa a ser final: *baseball* > *base-ball*, *cash-flow* > *cash-flow*, *cowboy* > *cowboy*, *T-shirt* > *T-shirt*.

2.2. Palavras adaptadas

A transmissão dos neologismos ingleses formados de elementos clássicos não apresenta problemas, porque a adaptação realizou-se a partir dos elementos clássicos e não da pronúncia inglesa: *actuário*, *acupressura*, *admitância*, *aeroplano*, etc.

2.2.1. Vogais

Observando a adaptação das vogais inglesas, veremos que os fenómenos vistos nas transcrições se realizam bastante regularmente. (Como o valor fonético exacto pode ser diferente nas duas línguas, indico a vogal portuguesa em itálico). Adaptação das vogais:

[a] > [a/α], segundo a posição for tónica ou átona (quando classifico a vogal como tónica ou átona, considero a vogal portuguesa, porque o lugar do acento da palavra inglesa pode ter mudado); é preciso observar que o [a] do inglês é mais velar do que o português

vogal tónica: *staff* > *estafé*, *calf* > *calfe*

vogal átona: *basket-ball* > *basquetebol*, *khaki* > *caqui*

[æ] > [a/α], segundo a posição for tónica ou átona, fechado quando nasal, em certas palavras [ã] em posição átona

vogal tónica: *banjo* > *banjo*, *brandy* > *brãde*, *crack* > *craque*, *crank/cranque*, *claxon* > *claxon*, *hack* > *faca*

vogal átona: *hand-ball* > (*h*)andebol, *bradawl* > *brada*l, *gallon* > *gal*ão,
shampoo > *cham*pô, *ballast* > *bal*astro

[a]: *rally* > *rali*, *waggon* > *vag*ão

[e] > [ɛ]

velvet > *bél*bute

[i] > [ɪ] em posição tónica, [i/ə] em posição átona

vogal tónica: *kbaki* > *caqui*, *bibe* > *bí*be, *brig* > *brí*gue, *click* > *clí*que,
winch > *guin*cho, *brig* > *brí*ga, *sling* > *eslín*ga, *film* > *fil*me, *bridge* > *brí*dege

vogal átona: *dory* > *dó*ri, *dandy* > *dá*ndi, *jury* > *jú*ri, *dribble* > *drib*lar, *penny*
 > *pé*ni, *tilbury* > *tilbur*i

cricket > *crí*quete, *basket-ball* > *basquet*ebol, *brandy* > *brand*e, *whisky* > *uí*sque

[i] > [ɪ]

beagle > *bí*gle, *beef-steak* > *bí*festeque, *speech* > *espí*che

[ə] > [α], em posição átona

bungalow > *bang*aló, *cheroo*t > *char*uto, *bazooka* > *ba*zuca, *taboo* > *tab*u,
ballast > *bal*astro, *water-boat* > *arab*ote, *schooner* > *escun*a, *sleep*er > *chulí*pa

[ɔ] > [ɔ̃], fechado quando nasal

hand-ball > (*h*)andebol, *horse* > *hors*a, *dock* > *do*ca, *stock* > *esto*que, *dog* >
*dog*ue, *bond* > *bó*nde, *box* > *bó*xe, *horn* > *co*rne, *cock-tail* > *co*quetel

(esporadicamente pode ser um *a* aberto, por influência da grafia:
yacht > *iate*, *badawl* > *brada*l)

[ʊ] > [u]

bull-dog > *bul*dogue

[u] > [ʊ]

*cheroo*t > *char*uto, *loof* > *lu*fa, *shoemaker* > *chu*meco, *boot* > *bú*te, *shoot* >
*chu*to, *schooner* > *escun*a, *foot-ball* > *fute*bol, *taboo* > *tab*u

(exemplo contrário: *shampoo* > *cham*pô, brasileiro: *xamp*u, a palavra
 portuguesa pode ter sido influ enciada pela grafia)

[ʌ] > [α/ɔ̃] (fechado quando nasal)

bungalow > *bang*alow, *lunch* > *lan*che, *rugby* > *rá*guebi

bumboat > *bó*mboteiro, *punch* > *pan*che, *rubber* > *ró*ber

Noutras palavras a evolução teve lugar a partir da grafia:

club (ʌ) > *cl*ube, *draw-back* (ɔ̃) > *dra*nbague, *pyjamas* (ə, ə) > *pi*jama, *rum*
 (ʌ) > *rum*, *toboggan* (ə) > *tobog*ã, *trolley* (ɪ) > *tró*lei, *truck* (ʌ) > *tru*que, *thug* (ʌ) > *tu*-
 gue, *tunnel* (ʌ) > *tú*nel, *turf* (ə) > *tur*fa, -er (ə): *lí*der, *hambú*rguer, *cár*ter, *gâ*ngue-

ster, *repórter*, *tênder*. Na terminação *-er*, por influência da ortografia, pode produzir-se também metátese: *quaker* > *quacre*. Na palavra *chumeco* > *shoemaker* deve ter-se produzido uma modificação da vogal temática, por tratar-se de um substantivo semanticamente masculino, a evolução é portanto morfológica (em Schmidt-Radefeldt a palavra tem a forma *chumeca*).

2.2.2. Ditongos

No corpus encontrei exemplos para os seguintes ditongos do inglês:

[ai] > [ai/ a]
knife > *naífa*

[ei] > [e], apesar de existir um ditongo *ei/éi* no português, pronunciado no português padrão como [ɛj]

break, *brake* > *breque*, *shoemaker* > *chomeco*, *cocktail* > *coquetel*, *beefsteak* > *bifesteque*

[ou] > [ɔ/ o] em posição tónica, que se reduz em posição átona, em posição pretónica pode ficar [ɔ]

hall > *alô*, *bungalow* > *bangalô*, *dodo* > *dodô*, *boat* > *bote*, *goal* > *golo*, *banjo* > *banjo*; *roast-beef* > *rosbife* [ɔ]

Palavras que evoluíram segundo a grafia: *acre* [ei] > *acre*, *gingerline* [ai] > *gingerlina*, *ray-grass* [ei] > *raigrás*.

2.2.3. Efeitos sobre o sistema vocálico

Com a adaptação fonética não aumentou o inventário das vogais ou ditongos, mas mudou a distribuição de certas vogais ou então aumentou o número de palavras que apresentam certa distribuição.

Em certas palavras aparecem [a], [ɛ] e [ɔ] em posição pretónica: *bebé*, *recorde*, *rali*, *rosbife*, *vagão*, aumentando assim o contingente de unidades lexicais que têm uma vogal átona não reduzida, sem qualquer condicionamento fonético (como *acerva*, *baptizar*, *corado*, *director*, *esquecer*, *padeiro*, etc.).

Na adaptação pode surgir [ɔ] em posição tónica: *ráguebi*. (Outro candidato poderia ser a palavra *puzzle*, ainda não adaptada, mas que segundo a transcrição de Costa tem a pronúncia [pázle], p. 81.) Como nas palavras autóctones em posição tónica unicamente aparece [ɔ] com certo condicionamento fonético, antes de consoante nasal (*cama*, *banho*, *pano*), esta nova distribuição contribui para que a oposição [a], – [ɔ] seja considerada com maior direito uma oposição fonemática.

2.2.4. *Consoantes*

As consoantes inglesas inexistentes no português são: [h], [dʒ], [θ], [tʃ] e [ŋ].

[h]: Desaparece: *hand-ball* > (*h*)*andebol*, *horse* > *horsa/orça*, *humor* > *humor*, *burra* > *burra!* Esporadicamente pode dar como resultado *f*: *back* > *faca*, *Hackney* > *facaneia/bacaneia* ou *k*: *horn* > *corne*, *horn box* > *cornimboque*, mas nesta última evolução também pode ter influído a fonética da palavra *cornio*.

[dʒ]: A adaptação portuguesa da africada é a fricativa correspondente: *banjo* > *banjo*, *digit* > *dígito*, *jag* > *jaga*, *jack* > *jaque*, *jute* > *juta*. É diferente a evolução da palavra *bridge* > *bridege*, pois produz-se uma quebra da africada por meio de uma vogal epentética.

[θ]: *thug* > *tuque*, provavelmente por influência da grafia.

[tʃ]: A adaptação portuguesa é a fricativa correspondente: *charoot* > *charuto*, *check* > *cheque*, *speech* > *espiche*.

[ŋ]: Em inglês, além de quando vai seguido por uma consoante velar, aparece em posição final de palavra: *ping-pong* [pɪŋpɒŋ]. Em português restitui-se a consoante velar que aparece na grafia e aparece uma vogal paragógica: *ping-pong* > *pingue-pongue*, forma-se uma vogal nasal: *pudding* > *puðim*, ou então fica uma consoante nasal alveolar, com acrescentamento de uma vogal final: *sterling* > *esterlino*.

As duas semiconsoantes, [j] e [w], são facilmente adaptáveis no português por *i* e *u*, realizados como [j] e [w], mas aparecem em novas condições fonotáticas: *yankee* > *ianque*, *yacht* > *iate*, *sandwich* > *sanduiche*. Noutros casos, porém, há outras soluções: *yard* > *jarda*, *waggon* > *vagão*, *winch* > *guincho*. O *r* final de sílaba, não pronunciado no inglês, pode ser restituído a partir da grafia: *bar* > *bar*, *horn* > *corne* (na segunda palavra pode ser por analogia da palavra *cornio*), ou pode perder-se: *garboard* > *gabordo*, *gingerbeer* > *gingibirra*.

2.2.5. *Consoantes e grupos consonânticos finais*

Nas palavras portuguesas autóctones em posição final de palavra só podem aparecer certas consoantes: *r*, *l*, *z̃*, *s*, *m* (as três últimas com pronúncia [ʃ] e vogal nasal). Os anglicismos acabados nestas consoantes conservam a consoante: *albatroz̃*, *aligátor*, *andebol*, *atol*, *bar*, *bradal*, *buldóz̃er*, *bus*, *cárter*, *coquetel*, *distal*, *dril*, etc.

No caso de a palavra inglesa acabar numa consoante diferente de *r*, *l*, *z̃*, *s*, *m*, ou num grupo consonântico, o fenómeno geral é o acrescentamento de uma vogal, que é normalmente *e*, mas pode ser *o* ou *a*: *velvet* > *bélbute*, *beef* > *bife*, *cheroot* > *charuto*, *shoot* > *chuto*, *gig* > *guiga*, *jag* > *jaga*; grupos consonânticos: *bond* > *bonde*, *scalp* > *escalpo*, *turf* > *turfa*. Em certos casos acrescenta-se uma vogal mesmo depois das consoantes potencialmente apropriadas para a posição final: *goal* > *golo*, *protocol* > *protocolo*, *commo-*

dore > *comodoro*. Noutros casos ficam algumas consoantes não habituais: *cláxon*, *internet*, *rad*, ou grupos consonânticos: *barn*, *flint*, *malm*, *wurf*/*windsurf*, *volt* (palavras que aparecem sem transcrição fonética no dicionário, o que parece indicar que se consideram palavras adaptadas).

2.2.6. Grupos consonânticos internos

O português tolera menos grupos de consoantes do que o inglês. Ficam os grupos oclusiva + líquida: *bradawl* > *bradal*, *club* > *clube*, *beagle* > *bigle*, ou as combinações de sonante + oclusiva: *bull-dog* > *buldogue*, *brandy* > *brande*. Outras vezes estes grupos podem simplificar-se: *trunk* > *truco*, ou pode introduzir-se uma vogal epentética: *verdict* > *veredicto*.

Nos restantes grupos introduziu-se geralmente uma vogal epentética para quebrar o grupo.

Epêntese de *e*: *hand-ball* > (*h*)*andebol*, *beefsteak* > *bifesteque*, *cocktail* > *coquetel*, *gangster* > *gânguester*

Parece especial o caso da palavra *wrack* > *vareque*. O *w* na palavra inglesa original não é pronunciado, a adaptação fez-se, portanto, a partir da grafia, com uma metátese entre a vogal epentética e a vogal original.

2.2.7. E protético

No inglês é habitual a combinação *s+consoante* no início da palavra. Nestes casos no português aparece normalmente um *e* protético: *scalp* > *escalpo*, *scandium* > *escândio*, *schooner* > *escuna*, *scout* > *escuta*, *sling* > *eslinga*, *speech* > *espiche*, *staff* > *estafe*, *stay* > *estay*, *stencil* > *estêncil*, etc. Esta mudança no português implica a modificação fonética da consoante *s*, que, em posição implosiva, passa a ser palatal. Por outra parte, na língua moderna este *e* reduz-se tanto que até pode não ser pronunciado, de maneira que a vogal perde a sua função de facilitar a pronúncia. Nas palavras não adaptadas, que aparecem do dicionário com a transcrição, aparentemente conserva-se a pronúncia dental: *scanner* [sk-], *skate*, *sketch*, *slip*, *smithsonianite*, *smoking*, *snack-bar*, *spinnaker*, etc. Em transcrições mais espontâneas (Costa et alii), pode aparecer uma vogal epentética: *stick* [setique], *smoking* [semôquingue], o que significa que a língua falada, para não pronunciar a combinação *fricativa dental + consoante*, em vez de acrescentar o *e* protético, muda em certos idiolectos, e que levaria à modificação da consoante, introduz uma vogal epentética. (Esporadicamente isto aconteceu também em palavras menos recentes, em que ao mesmo tempo teve lugar também a palatalização da consoante: *slipper*, *sleepers* > *chulipa*.)

2.2.8. *Terminação vogal+n*

Um caso especial é o das palavras inglesas terminadas em *vogal+n*. Em português estas terminações não são autóctones, pois por evolução fonética regular formaram-se vogais e ditongos nasais: *maçã*, *limão* [ãw], *bem* [ãj], *fim* (i nasal), *bom* (o nasal), *comum* (u nasal). Só existem algumas exceções, palavras eruditas, com *vogal + n*, como *espécimen*, *hífen*, *abdómen*, *íman*, etc. (algumas com uma outra variante: *espécime*, *abdome*, brasileiro *imã*). Os anglicismos costumam adoptar a terminação habitual: a terminação inglesa *-on* [ɒn] dá como resultado *-ão*: *betratrão*, *calutrão*, *ciclo-trão*, *galão*, *vagão*, etc. A palavra *electrão* tem também a variante *eléctron*. Outras palavras cuja forma não discrepa da das palavras autóctones são: *gim*, *puðim*, *metim*, *xelím*, *trindolim*, *rum*, *estrém*, *tandem*, *totem* (também *tóteme*). Aparecem, porém, algumas palavras que contradizem às características gerais, pois a terminação *-an* pode adaptar-se como *-an*: *fortran*. A terminação *-one* [əʊn] adapta-se como *-one* (*clarifone*, *linguafone*), também não existente nas palavras autóctones.

2.2.9. *O acento*

As palavras formadas de elementos clássicos mudam o lugar do acento, por analogia com o acento das palavras ou sufixos da mesma origem existentes na língua: *actuary* > *actuário*, *aculturation* > *aculturação*, *acupressure* > *acupressura*, *admittance* > *admitância*, *adventist* > *adventista*, *aeroplane* > *aeroplano*, *aphorist* > *aforista*, *algorithm* > *algoritmo*, *dribble* > *driblar*, etc.

A tendência geral é o acento mudar para o lugar foneticamente óptimo, ou seja a última sílaba no caso das palavras terminadas em consoante, *i*, *u*, ditongo e vogal nasal e a penúltima nos outros casos. Se esta condição já se dá no inglês, o acento fica: *banjo* > *banjo*, *kangaroo* > *canguru*, *cheroot* > *charuto*, *taboo* > *tabu*. Mudanças: *albatross* > *albatroz*, *atoll* > *atol*, *ballast* > *balastro*, *boycott* > *boicote*, *bradawl* > *bradal*, *chaqui* > *caqui*, *folkore* > *folckore*, *Hackney* > *hacaneia/facaneia*, *humor* > *humor*, etc.

Noutros casos, porém, fica a acentuação inglesa: *velvet* > *bélbute*, *shampoo* > *champó*, *stencil* > *estêncil*, *gangster* > *gânguester*, *jockey* > *jóquei*, *jury* > *júri*, *rugby* > *ráguebi*, *tramway* > *trâmuei*, *transistor* > *transístor*, *tunnel* > *túnel*. Fica também a acentuação das palavras acabadas em *-er*: *leader* > *líder* *poker* > *póquer*, *repórter*, *revólver*, *róber*, etc. (excepto *laser*).

Outras vezes muda o lugar do acento, mas não para a sílaba óptima: *bungalow* > *bangaló*, *eskimo* > *esquimó*, *hamburger* > *hambúguer*, *teletype* > *telétipo* (a última palavra por analogia com palavras de origem grega como *arquétipo*, *protótipo*).

Noutros casos acontece o contrário do fenómeno esperado: o acento muda da sílaba óptima para outra: *dodo* > *dodó*, composta: *ry-grass* > *raigrás*.

Nas palavras compostas a mudança do lugar do acento é sistemática, pois o inglês coloca o acento no primeiro elemento, mas no português vai cair no lugar foneticamente óptimo: *hand-ball* > (*h*)*andebol*, *water-boat* > *arabote*, *beafsteak* > *bifesteque*, *breakfast* > *brequefeste*, *cocktail* > *coquetel*, *bull-dog* > *buldogue*, *shoemaker* > *chumeco*, *sterling* > *esterlino*, *dog-cart* > *docar*, *draw-back* > *draubaque*, etc.

2.2.10. Outras observações

Mais algumas observações sobre a adaptação das palavras: produz-se antes a adaptação da palavra derivada do que a da palavra básica: *standardização* mas *standard*; adapta-se mais facilmente o final do que o começo da palavra por conter a informação gramatical: *iceberg* > *icebergue* (com transcrição da parte inicial); da mesma forma, faz-se só a adaptação do sufixo: *behaviourismo*; este fenómeno é frequente com os nomes próprios: *shakespeariano*, etc. (com transcrição da parte inicial); os verbos são adaptados antes dos substantivos: *dopar* (também *dopante*) mas *doping* (com transcrição).

3. ADAPTAÇÃO ORTOGRÁFICA

As letras inglesas não existentes na grafia das palavras autóctones do português são *k*, *w*, *y*. Se os sons representados por estes grafemas ficam no português, na maioria dos casos haverá uma modificação ortográfica. Parece que o português adapta mais facilmente a grafia do que outras línguas: cf. espanhol *kilogramo*, port. *quilograma*.

O *k* adapta-se como *c/qu*: *basket-ball* > *basquetebol*, *break/brake* > *breque*, *kangaroo* > *canguru*, *koala* > *coala*, *dock* > *doca*, *folklore* > *folclore*, *quaker* > *quacre*, *cake* > *queque*, *truck* > *truque*. Fica num número muito reduzido de palavras adaptadas: *samarskite*. Fica naturalmente nas palavras não adaptadas, que aparecem no dicionário com transcrição fonética (*kilt*, *know-how*, etc.) e noutras que, embora sem transcrição, não podem ser consideradas como adaptadas: *Karoo*, *king*. Conserva-se nas palavras derivadas de antropónimos: *shakespeariano*.

O grafema *y* muda para *i*: *dory* > *dóri*, *pyjama* > *pijama*. Com valor de semiconsoante muda também para *i*: *yankée* > *ianque*, *yak* > *iaque*, *yacht* > *iate*. Fica nas palavras derivadas de antropónimos: *taylorismo*.

A semivogal labiovelar representa-se como *u*: *whisky* > *uísque*, *tramway* > *trâmuei*; nos casos em que mudou para consoante aparece *v*: *watt* > *vá-*

tio, waistboard > *vibordo, kiwi* > *kivi*. Fica nas palavras procedentes de nomes próprios: *darwinista, wellingtoniano, westminsteriano*.

O *h* inicial ora se conserva, ora desaparece: *hand-ball* > *(h)andebol, hamburger* > *hambúrguer, hockey* > *hóquei* mas *horse* > *orça*.

As consoantes geminadas simplificam-se: *bobbinet* > *bobinete, boycott* > *boicote, dollar* > *dólar, dribble* > *driblar, gallon* > *galão, penny* > *péni, pudding* > *pudim, pullover* > *pulôver, rubber* > *róber, tennis* > *ténis, tunnel* > *túnel*.

A selecção entre *(s)s-ç* para a pronúncia [s] e *s-ç* para [z] faz-se segundo a ortografia inglesa: *Burgess* > *burgesso, ray-grass* > *raigrás, bazooka* > *bazuca, bulldozer* > *buldózer*. Há porém alguns casos incoerentes: *albatross* > *albatroz, horse* > *orça*.

O grafema *x* fica: *box* > *boxe, klaxon* > *cláxon* [ks].

Na ortografia a fricativa palatal surda é adaptada ora com *x* ora com *ch*: *mas shilling* > *xelim, sheriff* > *xerife*, mas *shampoo* > *champô* (brasileiro *xampu*), *shoemaker* > *chumeco, shoot* > *chuto*. A grafia *ch* poderia apresentar certos problemas nos dialectos do norte de Portugal, onde este grafema corresponde à africada palatal surda. Por outra parte, pela mesma razão, a grafia *ch* parece a apropriada para a africada inglesa: *speech* > *espiche, winch* > *quincho, lunch* > *lanche, Lynch* > *linchar, pitch* > *piche, Sandwich* > *sanduíche* (embora também tenha a forma *sandes*)

4. MORFOLOGIA

4.1. Substantivos

Os substantivos portugueses autóctones têm de maneira inerente um género, que é uma categoria morfológica herdada do latim, semanticamente não motivada. O género não marcado é o masculino, pelo que se pode esperar que os empréstimos sejam deste género: efectivamente, os anglicismos não adaptados são masculinos. Algumas excepções: *drive, holding, kitchenette, performance* (reconhece-se facilmente o sufixo português), *spinaker, T-shirt*.

Por outra parte, o género das palavras autóctones está relacionado com a terminação da palavra, assim, a maior parte dos substantivos terminados em *o* são masculinos, e os terminados em *a* são femininos. Pode-se supor, portanto, que os empréstimos adaptados serão de género masculino e que no caso de se acrescentar, por razões fonotácticas, uma vogal final, esta será um *e*, que foneticamente é a vogal mais neutra (pois é a que fica acrescentada também no interior da palavra, como em *gángueter* > *gangster*) ou um *o*, que é a terminação masculina por excelência.

Porém, já vimos que a vogal acrescentada em certas palavras é *a*. Isto explica-se facilmente em certos casos: como língua intermediária po-

de ter funcionado o francês, em que a palavra era feminina, como em *boline* > *bouline* > *bolina*; o inglês pode ter forjado a palavra de elementos clássicos, que são femininos em português: *acupressura*, *americanite*; outras vezes o *a* explica-se com a evolução fonética: *bazooka* > *bazuca*, *koala* > *coala*, *pijamas* > *pijama*, *sleeper* > *chulipa*. Não encontrei uma explicação plausível semelhante nos seguintes casos: *yawl* > *aiala*, *Shore* > *chora*, *dock* > *doca*, *sling* > *eslinga*, *string* > *estrinca*, *gingerbeer* > *gingibirra*, *gingerline* > *gingerlina*, *gauge* > *gajeja*, *gig* > *guiga*, *Hackney* > *hacaneia/facaneia*, *horse* > *horsal/orça*, *jag* > *jaga*, *yard* > *jarda*, *jute* > *juta*, *loof* > *lufa*, *knife* > *naifa*, *net* > *neta*, *pancake* > *panqueca*, *rip* > *repa*, *rock string* > *restinga*, *turf* > *turfa*. Em certos casos pode-se tentar justificar o género feminino com a existência de um sinónimo de género feminino: *naifa/navalha*, *neta/rede*. Noutros casos este mecanismo poderia ter funcionado, mas mesmo assim a palavra foi adaptada com *-e*: *boot* > *bute*, sinónimo de *bota*.

No que diz respeito ao género, as palavras acabadas em *a* são femininas, excepto *coala*, *pijama*, *shora*, *escuta*; *pijama* talvez com a analogia do grupo de palavras, bastante numeroso, terminado em *-a* e de género masculino, antigas palavras gregas de género neutro (*problema*, *dilema*, etc.); *shora* pode ter evoluído por etimologia popular, pois trata-se de um tipo de carro, cujo nome pode ter-se relacionado com a forma verbal *chora*, o mesmo acontecendo no caso da palavra *escuta*.

As palavras terminadas em *-o* e em *-e* são quase todas masculinas. Algumas excepções: *messe*, *sanduíche* (a forma abreviada *sande* também é feminina.)

A mesma palavra inglesa pôde dar como resultado duas palavras portuguesas, que discrepam justamente na terminação e eventualmente o género: *stay* > *estai/esteio*, *string* > *estrém/estringa*, *cake/pancake* > *queque/panqueca*.

As palavras terminadas em consoante são todas masculinas, excepto *internet*.

Outros anglicismos têm uma terminação diferente: *-ó*: *bangaló*, *dodó*, *esquimó*, *paletó*; *-é*: *bebé*; *-u*: *canguru*, *iglu*, *tabu*; *-i* tónico: *caqui*, *maori*, *quivi*, *rali*; *ô*: *champô*; *-i* átono: *dândi*, *dóri*, *júri*, *péni*, *tílburi*; *-ai*: *estai*; *-ém*: *estrém*; *-éu*: *guinéu*; *-ei* átono: *hóquei*, *jóquei*, *pónei*; outras terminações: *míldio*, *raigrás*, *ténis*, *trâmuei*. Estas palavras todas são masculinas.

Os substantivos autóctones acabados em *-ão* (substantivos concretos) e *-im* são masculinos, e os anglicismos seguem estes parâmetros: *galão*, *ião*, *vagão*, *gim*, *rum*, *pudim*, etc. É feminino p. ex. *electrocussão*, obedecendo também às características do fundo léxico autóctone, pois os substantivos abstractos acabados em *-ão* são femininos. As palavras autóctones acabadas em *-ã* são normalmente femininas, como *maçã*, *irmã*, etc. (Só existem alguns empréstimos masculinos como *afã*, *ecrã*.) Alguns anglicismos com esta terminação são masculinos, como *fã* e *tobogã*. No fundo léxico patrimonial a terminação *-ã* corresponde à masculina *-ão* (*irmão-irmã*), mas o substantivo *fã* é invariável.

O plural dos anglicismos adaptados forma-se à portuguesa. A palavra inglesa *pyjamas*, usada em inglês no plural, passa para o português em singular. A palavra *shorts*, não adaptada, conserva o plural. A palavra *sanduíche* tem a variante *sandes*, que, perdendo o *-s* final, que coincide com o morfema de plural, engendra a palavra *sande*. A palavra *stokes* (do antropônimo *Stokes*) conserva o *s* no singular, sendo invariável no plural.)

Usam-se em português substantivos compostos ingleses não adaptados (*baby-sitter*, *T-shirt*, *windsurf*). Outros foram adaptados (*foot-ball* > *futebol*, *beefsteak* > *bifesteque*, *piss-pot* > *bispote*) ou traduzidos: *basket-ball* > *bola-aocesto* (existe também *basquetebol*), *hot-dog* > *cachorro-quente*, *horse-power* > *cavalo-vapor* (através do francês), *sky-scraper* > *arranha-céus*. A palavra *cabograma* também foi traduzida do inglês *cabtelegram*, formada pela palavra *cab* e a semi-palavra *gram*.

4.2. *Adjectivos*

São muito menos numerosos do que os substantivos. Surgem na língua adjectivos com uma ou duas formas, como os já existentes na língua: *actuarial*, *adventista*, *esterlino/a*. Entram também alguns adjectivos com uma forma especial, como *sexy* (não adaptado).

4.3. *Verbos*

Todos os verbos pertencem à primeira conjugação: *boicotar*, *clicar*, *coltar*, *desapontar*, *detectar*, *dopar*, *driblar*, *electrocutar*, *estandardizar*. Há verbos não adaptados (com transcrição), que também recebem a terminação *-ar*: *shuntar*. A partir dos anglicismos podem derivar-se verbos com prefixo: *ensanduichar* (também existe *sanduichar*).

4.4. *Formação de palavras*

Os empréstimos não adaptados podem ter sufixos ingleses: *holding*, *leasing*, *marketing*, *scanner*, *snooker*, etc. As palavras adaptadas unicamente têm o sufixo inglês *-er*: *hambúrguer*.

5. PALAVRAS MOTIVADAS

Na evolução de algumas palavras, difíceis de explicar do ponto de vista da adaptação fonética ou morfológica, pôde intervir a etimologia popular, ou seja, a modificação da forma por causa da identificação com qualquer elemento já existente na língua:

piss-bot > *bispote*, por influência da palavra *bispo*, a associação seria humorística

breakfast > *brequifesta*, por influência da palavra *feita*

machine pump > *machimbombo*, influência de *bombo*

Shore (antropónimo) > *chora* ('tipo de carro'), por influência de *chorar*, por causa do barulho do veículo

scout(boy) > *escuta*, por influência de *escutar*, por causa dos hábitos do grupo.

6. ÚLTIMO ÉTIMO

Na lista aparecem palavras cuja língua transmissora foi o inglês, mas provêm doutras línguas. O percurso mais interessante é o da palavra *dodó*, de origem portuguesa (*dondo*), que passou para o inglês (*dodo*) com o sentido de 'ave palmípede das ilhas Maurícias' e voltou ao português com este sentido.

7. O CORPUS

O corpus que utilizei contém 631 palavras consideradas anglicismos segundo os parâmetros do dicionário (elementos da lista do CD-ROM de 1996 e algumas palavras que se acrescentaram à edição impressa de 1998 e que consegui descobrir.) Comparando este contingente com uma edição anterior do mesmo dicionário (1990, 6ª edição), constata-se que a edição mais recente incluiu um grande número de novos anglicismos: 190. Estes são os seguintes (indico em itálico os elementos não adaptados, que aparecem com a transcrição fonética): *aftershave*, *apagar*, *armazenar*, *assembler*, *baby-sitter*, *back-ground*, *badminton*, *BASIC*, *bazuca*, *best-seller*, *bingo*, *bit*, *bluff*, *bola-ao-cesto*, *briefing*, *buldózer*, *bus*, *byte*, *cachorro-quente*, *carborundo*, *cash-flow*, *check-in*, *check-up*, *clearing*, *clicar*, *clip*, *clipe*, *clique*, *coala*, *cocktail*, *código*, *comando*, *comilador*, *coquetel* (só no CD-ROM), *cow-boy*, *crude*, *dalai-lama*, *design*, *designer*, *dígito*, *disco*, *dodó*, *dopar*, *doping*, *drive*, *editor*, *entrada*, *estêncil*, *executar*, *executivo*, *fã*, *feedback*, *flash*, *flirt*, *forcing*, *fortran*, *fox-trot*, *fundamentalismo*, *fundamentalista*, *gang*, *gentleman*, *groom*, *hall*, *hambúrguer*, *handicap*, *hardware*, *hippie*, *holding*, *hovercraft*, *iglu/iglô*, *implosão*, *impressora*, *instrução*, *internet*, *jaina*, *jainismo*, *janela*, *joint-venture*, *ketchup*, *kilt*, *king*, *kit*, *kitchenette*, *knock-out*, *know-how*, *laser*, *leasing*, *leitor*, *líder*, *linguagem*, *lock-out*, *luminância*, *machimbombo*, *maori*, *maple*, *marketing*, *meeting*, *mesa*, *microcomputador*, *microprocessador*, *modem*, *multiplexador*, *music-ball*, *offset*, *oxima*, *pacemaker*, *pacote*, *panqueca*, *patchwork*, *penalty*, *pentlandite*, *performance*, *periférico*, *pipe-line*, *playboy*, *póquer*, *poster*,

privacidade, processador, propeno, protocolo, protrusão, pudlagem, pudlar, pulôver, *puzzle*, quasar, quivi, rad, raglã, rãguebi, *raid*, rali, *rally*, *round rugby*, saída, *scanner*, *self-service*, *sexy*, *shorts*, *show*, *shunt*, *side-car*, *skate*, *sketch*, *slip*, *smithsonite*, *smoking*, *snack-bar*, *software*, *spinnaker*, *spleen*, *spray*, *sprint*, squash, *stand*, *standard*, *stick*, *stock*, *stop*, *stress*, *strip-tease*, stokes, suporte, surf, *suspense*, tablóide, tabulador, telétipo, telelugo, terminal, *timing*, tobogã, *topless*, transiente, *T-shirt*, *videotape*, visor, *walkie-talkie*, *warrant*, *wesleyanismo*, *whist*, *wildiano*, windsurf, xampu, xerife, *yorkshiriano*.

Além destes elementos completamente novos, foram introduzidos novos elementos, em parte com a ampliação da família léxica, por ex. *boicotar/boicotear* > *boicote*, *implemento* > *implementar*. Por outra parte, algumas palavras sofreram certas modificações:

algônquico > *algonquino*

arranha-céu > *arranha-céus*

borte > *bort* (com transcrição)

brequifesta > *brequefeste/brequifesta*

brídege > *bridge* (apesar de *brídege* não aparecer na versão mais nova do dicionário, aparece na definição da palavra *king*)

gânguester > *gânguester/gangster* (com transcrição)

mirmidão > *mirmidão/mirmídone*

samarsquite > *samarskite*

sanduíche/sande > *sanduíche/sande/sandes*

singleto > *singleto*

termistor > *termistor*

vátio > *vátio/watt*

whisky > *whisky/uísque*

Na palavra *algonquino* o sufixo tipicamente inglês, *-ic*, mudou para *-ino*, mais frequente em português.

O segundo elemento da palavra *arranha-céu* passou para o plural, o que não se justifica semanticamente, mas existem outros substantivos compostos semelhantes na língua, como *pára-brisas*.

No caso de *singleto* houve uma mudança na vogal final, sendo *-o* a terminação mais típica dos substantivos masculinos. Também mudou a vogal final de *brequifesta*, que como vimos, pode ter evoluído por etimologia popular. *Brequefeste* é uma volta à forma original.

Em *uísque* o dicionário incluiu a forma adaptada, em *bort*, *bridge*, *gangster*, *mirmídone*, *samarskite*, *termistor*, ocorreu o contrário: a tendência foi dar uma forma menos adaptada à fonética e à ortografia portuguesas. No caso de *vátio* o próprio dicionário, de 1998 faz o seguinte comentário: ‘sem aceitação nos usos científicos’.

Na transcrição fonética também se produziram certas modificações: *behaviourismo* aparece com indicação fonética nas duas edições, mas enquanto na primeira omite-se o *h*, na segunda é pronunciado: [biheivjə...].

No caso da palavra *icebergue* a primeira edição dá [aice], a segunda [ais], sem a vogal de apoio. Nos dois casos há, portanto, uma vontade de aproximação à pronúncia inglesa original.

Alguns elementos não aparecem na lista do CD-ROM (1996), mas sim no dicionário (1998): *aftershave, best-seller, clip, cocktail, drive, feedback, gang, internet, performance, puzzle, sexy, shorts, show, smithsonite, snack-bar, spray, sprint, squash, strip-tease, stokes, uísque* (só *whiskey*), *wildiano, xerife, yorkshiriano*.

CORPUS

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 8ª edição, 1998

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora Multimedia, 1996

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora

Costa, Fernando-Fehér, Ferenc-Szendrő, Borbála: *Eu ♥ as palavras*, Szultán Bt., Budapest, 2000

BIBLIOGRAFIA

Bergstrom, Magnus-Reis, Neves: *Prontuário Ortográfico e guia da língua portuguesa*, Editorial Notícias, Lisboa, 1998

da Costa, Francisco Alves: *Dicionário de Estrangeirismos*, Editorial Domingos Barreira, Lisboa, 1990

Machado, José Pedro: *Estrangeirismos na Língua Portuguesa*, Editorial Notícias, Lisboa, 1994

Országh, László: *Angol-magyar kéziszótár*, Akadémiai Kiadó, Budapest, 1995

Patt, Chris: *El anglicismo en el español peninsular contemporáneo*, Gredos, Madrid, 1980

Schmidt-Radefeldt, Jürgen: Anglicisms in Portuguese and Language Contact, *English in Contact with Other Languages* (eds. Viereck Wolfgang-Wolf-Dietrich Bald), Akadémiai Kiadó, Budapest, 1986, pp. 265-285

Vilela, Mário: Lexicologia e semântica, *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, VI/2, Niemeyer, Tübingen, 1994, pp. 216-232

